



Director literario:

Acquino
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Marcolli
PAPUSSE

ERA UMA VEZ...

QUARTA FEIRA DE CINZAS

Por MARIA AMELIA DE MIRANDA RODRIGUES

Desenho de EDUARDO MALTA



QUARTA-FEIRA de Cinzas, às três horas da tarde.

Milú que se levantára há muito, conta à mãe, saudades do Carnaval.

E esta, olheirinta e pálida, procura imitar no rosto, o delicioso rosado de uma camélia, que se debruça de

um jarão exótico.

Agora os olhos fulguram sobre um traço negro e os lábios parecem morangos maduros, depois de terem tocado no «bâton».

Milú, distraída a princípio, começou a observar com atenção e depois de terminada a maquillagem, lança os braços ao pescoço da mãe e ri às gargalhadas, com muito prazer, mesmo.

— Milú, larga a Mãe. Quero-me vestir.

— Mãezinha, Mãezinha, como tu és feliz e como eu gostava de ser senhora, já.

— Para quê, meu amôr?

— Para estar sempre no Carnaval!



FIM

AMOR FILIAL

• • • Por A. R. • • •
Desenhos de E. MALTA



PERDERA sua mãe, tinha seis anos. Seu pai, a quem as suas ocupações obrigavam a andar em contínuas viagens, tivera de a entregar aos cuidados duma sua tia riquíssima, mas dum génio extremamente egoísta. Aborrecera-a de princípio aquele encargo, mas, pouco a pouco, fôra-se afeiçoando à pequena Lisa, a quem queria muito, e esta foi criada no meio, não de muito amor, mas dum relativo carinho e sobretudo de muito luxo.

Tinha agora 17 anos, e era linda. Escrevia muito a seu pai, e, apesar de sua tia não lhe permitir que faltasse a um único convite das pessoas das suas relações, que eram imensas, todas as noites, quando já a sós, no seu quarto, punha o seu pensamento no querido ausente. Como ela desejaría que êle voltasse para o estreitar muito ao seu coração e falarem juntos, da sua mãezinha, de quem conservava também

uma viva saudade apesar de a ter perdido tão nova:

Sua tia, quando ela procurava falar de sua mãe, ouvia-a um pouco, mas, pouco depois, interrompia-a para lhe dizer que eram horas de ir para êste ou aquele chá, para esta ou aquela «soirée». E à pequena Lisa, agora uma lindíssima senhora, era tudo isto muito doloroso.

Numa dessas «soirées» conheceu Luís. A sua delicadesa, a sua finura de trato, distinguiram-no de toda essa mocidade frívola, que a adulava, apenas porque via nela a riquíssima herdeira dos milhões de sua tia. Instintivamente começaram a amar-se e, ainda que muito vagamente, esboçavam-se já algumas promessas de casamento. Sua tia via com muito bons olhos êste amor porque Luís era o descendente duma das mais nobres famílias da Bretanha. Não era grande a sua fortuna, mas mantinham, ainda com certo brilho, o seu nome fidalgo.

Chegava no dia seguinte o vapor que devia trazer notícias de seu pai, e, as horas que fu-



glam pareciam-lhe muito doces porque a aproximavam desse momento.

Nessa manhã, quando a criada lhe trouxe o correlo, descobriu logo o grande «enveloppe» com

vasse em casa, e teve que a acompanhar a uma reunião que lhe pareceu longa, interminável. E quando sua tia se ergueu, apossou-se dela uma grande alegria. Mas oh! decepção

seu pai tinha já chegado a casa! E ela que não estava para o receber! Fremente de anedade, atravessou a correr os salões, e apareceu onde ele estava. Um grito se lhe escapou dos lábios, apaixonado, vibrante de emoção e de ternura:

— «Pai querido! Meu querido pai!...»

Sentiu-se envolvida nuns braços que a apertavam, enquanto uma voz cariciosa repetia:

Lisa, minha adorada filha!

Experimentava naquele momento uma impressão de felicidade tão intensa e tão absoluta, que esquecera sua tia, a qual, imóvel, assistia a esta scêna. E só, então, se desligou daquele abraço e observava

o selo estrangeiro. Apenas algumas linhas estavam escritas, trémulas, cansadas. E o seu coração teve um sobressalto de louca alegria, quando leu:

«Filha querida.

Embarco para aí no próximo paquete. Deus me dê forças para que eu possa, enfim, gosar-me da minha filha».

Voltou a ler as palavras queridas, e notou que grossas lágrimas lhe molhavam as faces; enquanto sentia a doçura da carta. Era preciso prevenir sua tia.

Que descontentamento se espalhou nas suas feições:

— «Pronto, acabara-se, não queria saber mais da sua velha tia, esta já não seria nada para ela!»

— «Oh! querida tia, (dizia Lisa,) não diga isso. Querer-lhe-hei sempre muito, e nunca esquecerei o quanto lhe devo!»

Era nesse dia que chegava seu pai. Sua tia nem assim mesmo lhe permitiu que se conser-

com amor o pai. Mas como o achava diferente do retrato que dele possuía! Estava doente, muito doente, e Lisa fez, de si para si, a promessa de abandonar tudo para só se dedicar ao pai querido que tanto precisava dos seus carinhos.

Começaram, então, as dissensões com sua

(Continua na página 5)



ORGULHO DE RAÇA

POR LAURA COSTA MARQUES

DESENHOS de E. MALTA



riquíssimo palácio dos condes de Penhoel encontrava-se profusamente iluminado, e à entrada, em estilo árabe, viam-se criados rigorosamente fardados de preto, precedendo os convidados que chegavam. De lindas *limousines* e *conduites* de luxo, saltavam elegantes damas e cavaleiros ansiosos de tão linda festa, palpitante de

vida e de riqueza.

De um automóvel qualquer, vulgar, sem braço, apiou-se, também, um rapaz novo que, depois de pagar a importância ao *chauffeur* se dirigiu para o palácio, passando despercebido por entre a multidão. Andando cautelosamente, penetrou no jardim, e que-
dou-se, de súbito, ante uma das altas janelas rectangulares da grande sala de recepção. A luz dava-lhe em cheio no rosto. Podemos examiná-lo. Deve ter pelo menos vinte e três a vinte e quatro anos. Mostra um aspecto varonil, franco e de suprema elegância e distinção.

Parece nervoso; colou o rosto à vidraça e eis o que viu:

Os austeros e nobres senhores de Penhoel olhavam embevecidos sua filha Regina, que, entre um grupo de gentis raparigas, fazia realçar a sua simpática e insinuante beleza.

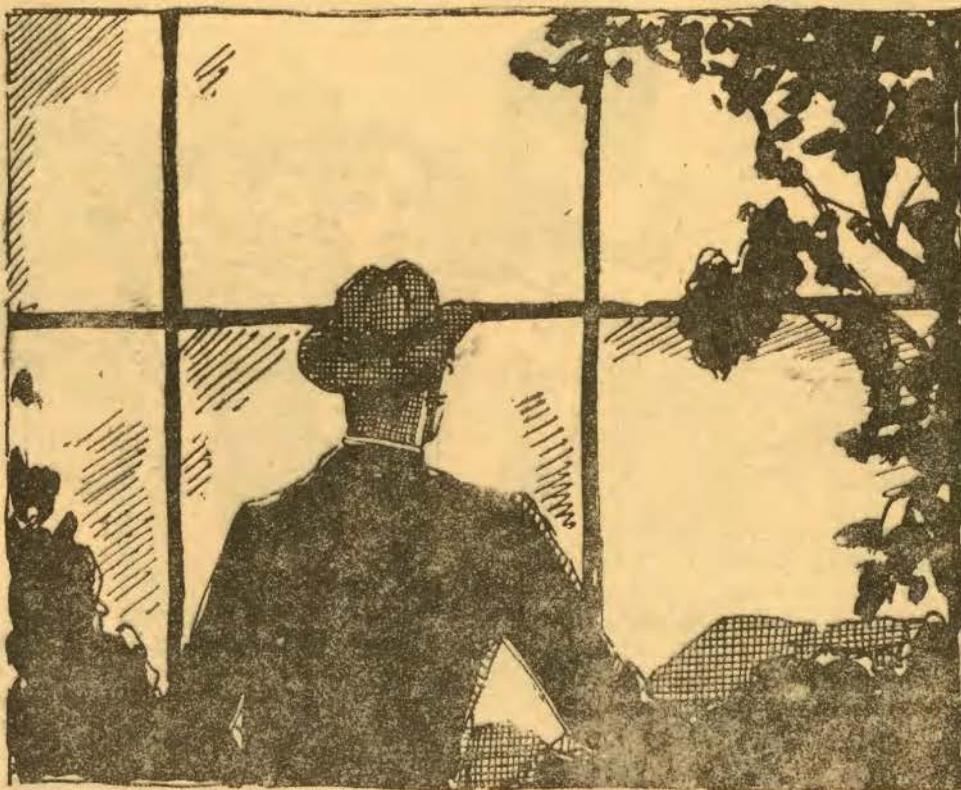
Festejava-se o pedido de casamento de Regina. O futuro noivo, visconde Camilo Rozan estava junto dela, e envolvia-a num olhar altivo e arrogante.

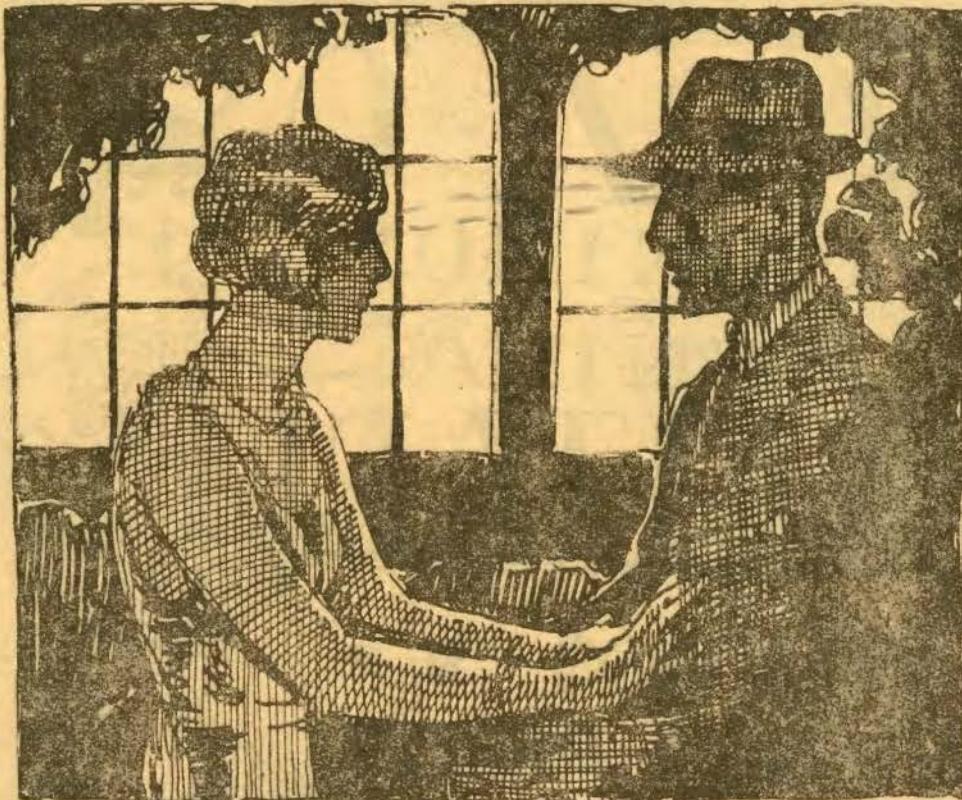
Este homem novo, vestido impecavelmente, de maneiras finas e adadoras, era, apesar disso, logo à primeira vista, bastante antipático e desagradável.

Ao contrário, a gentil filha dos condes de Penhoel era linda e adorável de simplicidade. Parecia porém, profundamente abatida, e se qualquer das amigas a fitasse atentamente, ficaria espantada da enorme tristeza que os seus olhos meigos reflectiam. Custava-lhe dissimular. O léxico rendilhado e vaidoso de Camilo de Rozan e os seus impertinentes e exagerados galanteios aborreciam-na por tal forma que, não podendo por mais tempo suportar a sua enfadonha presença, disse-lhe friamente:

Desculpe, senhor. Sinto-me mal disposta. Vou tomar um pouco de ar, mas peço-lhe que não me acompanhe. Fique. E saiu precepidamente da sala. Abafava!

Em breve se encontrou no jardim deserto, e, elevando os olhos ao Céu, deixou correr livremente as lágrimas, sacudindo o seu gracil corpo em soluços dolorosos.





Era inteliz a linda filha, a herdeira dos condes de Penhoel! Súbito alguém lhe tocou levemente no ombro e lhe disse baixo:

— «Regina!...»

Ela voltou-se, e encontrou-se em frente daquele mesmo que vimos olhando atentamente o interior do palácio.

— «Paulo! — (exclamou.) Vai-te, meu bom amigo, Peço-te que partas. Meus pais não atenderam o meu

pedido, e alegando que, embora bom e valoroso, tu não és nobre, obrigaram-me a aceitar para noivo o senhor de Rozan. Sinto por êle uma grande antipatia, acredita, mas não deverei nunca desobedecer aos meus, não quero! Perdoa-me, bem vês que também soffro...»

— «Quero-te muito, Riga, — (respondeu o mancebo,

(Continua na 8.ª página)

Continuação da página 3

tia. Lisa quási nunca a podia acompanhar, para não deixar seu pai, o que a irritava profundamente. Pouco a pouco Lisa começou a sentir-se mal naquela casa, quási uma estranha. Queria ainda muito a sua tia, mas seu pai precisava dela, e ela não o abandonaria. Arranjariam uma casinha para os dois e que felizes iam ser. Uma nuvem, apenas, obscurecia a sua felicidade: Luís, agora que ela não viveria mais com sua tia, e passaria a ter uma vida muito modesta, que mais não permitiam os recursos de seu pai, decerto se não importaria mais com ela. E apertava-se-lhe o coração ao pensar nisso. Por seu pai, porém, todos os sacrificios, até o do seu amor.

E os dias começaram a decorrer para ela, muito felizes, sempre junto do pai, acompanhando-o sempre. Um dia quando voltavam da missa, pareceu-lhe ver, ao longe, a silhueta de Luís, que não voltara a ver, depois que dei-

xára sua tia. Era de facto êle, que, depois de uma affectuosa troca de cumprimentos, lhe disse: — «Lisa, eu sou sempre o mesmo para si, quere ser minha mulher?» Ela olhou para seu pai, que era também já o seu confidente e estendendo-lhe ambas as mãos, disse: — Luís, Luís, e nunca esquecerei a prova de muito amor que acaba de dar-me!»

Passados 3 meses, na pequena capela da aldeia em que habitavam, Lisa, encantadora na sua *toilette* de noiva, unia para sempre o seu destino ao de Luís.

E seu pai, os olhos húmidos de ternura, pedia a Deus pela ventura de sua filha, e para êle muitos anos de vida para gosar da grande felicidade que agora se lhe deparava.

F I M

PARA OS MENINOS E MENINAS RECITARE



CARTA AOS MENINOS RICOS

■ por CARFLOFER ■

A minha boa menina,
Feliz, como é, pequenina,
Não pode, não, abranger
Quanta miséria há no mundo,
Que sofrimento profundo
Reserva ao pobre o viver!

Sopra rijo o vento norte,
Numa fúria atroz de morte,
Derrubando ninho e lar!
Quem é rico tem defesa...
Do que geme na pobreza
Mais aumenta o seu penar!

Na rua, que a neve cobre,
Descalço e faminto o pobre
Murmura dos males seus;
O rico, atrás da vidraça,
Distrai-se vendo quem passa...
... Talvez implorando a Deus!

Triste coisa a indigência,
Mais se afecta a inocência,
Criancinhas de Jesus!
De tão nítida e tenra alma,
Ninguém sofre com mais calma,
Sob o peso duma cruz!

Algumas cêdo perderam,
Ou nem até conheceram,
Carinho doce de mãe...
Esse poder sacrosanto,
Que faz secar todo o pranto,
Que não possui mais ninguém!

Num clarão de gosos ledos,
Pejam montras mil brinquedos;
As bonecas... um amor!
E só ter seixos do rio,
Só papoilas dum baldio...
Que brincar desolador.

Na noite do Deus-Menino,
Mal ouvem da torre o sino,
Perscrutam a chaminé;
Nem mesmo um feixe de mato!
Faltara o velho sapato...
— Jesus, Maria, José!..

E seu auge a dôr assume...
Tanto frio, e não há lume,
Tanta fome, e não há pão!
Só tristeza e funda mágua,
Olhos lindos rasos d'água,
Trevas só no coração!

Vidas que a Vida estipla!
Sem frequentarem a escola,
Por lhes faltar que vestir,
Se vêem negro o presente,
Bem negro mais, certamente,
Lhes há-de ser o porvir!

São manhãs de abril cerradas,
De andorinha asas quebradas,
Lírios brancos num paúl;
São ignotos diamantes,
Estrelinhas anelantes
De voltar ao céu azul!

Tão férteis as nossas terras,
Do mar ao cimo das serras,
E tanto pobre as maldiz!
É certo haver caridade...
Como há, falando verdade,
Palácios que são covis!

Socorrer os infelizes
É nos mais cultos países
Um dever primordial:
Cultivai o bem crianças,
Vós que sois pombinhas mansas
Dêste lindo Portugal!

■ F I M ■

HORA DE RECREIO

N.º 2

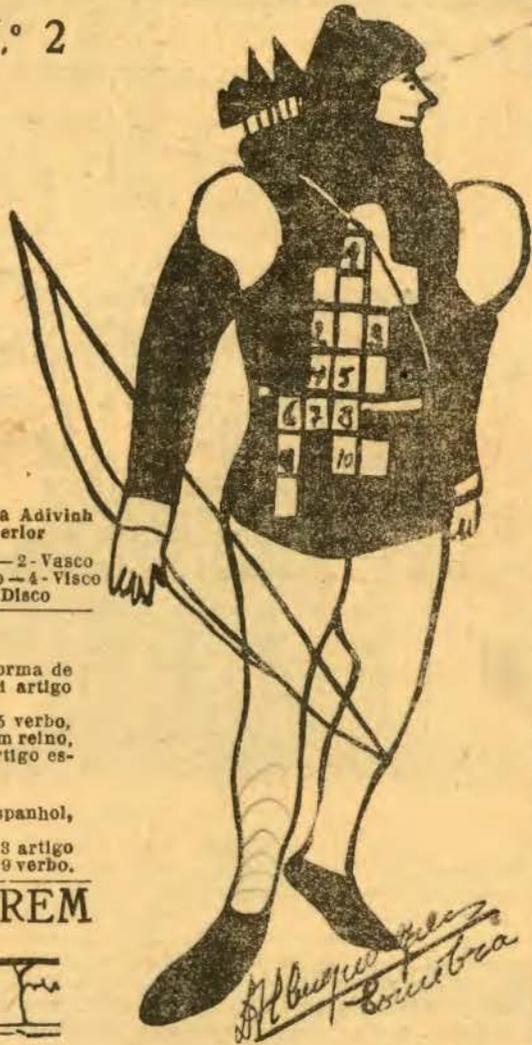
Palavras Cruzadas

1	2	3	4	5
6		7	8	
9	10	11	12	13
	14		15	
	16		17	

N.º 1 Lisboa - Albuquerque

Seção da Adivinh Anterior

- 1 - Casco - 2 - Vasco
- 3 - Cisco - 4 - Visco
- 5 - Disco



PALAVRAS CRUZADAS

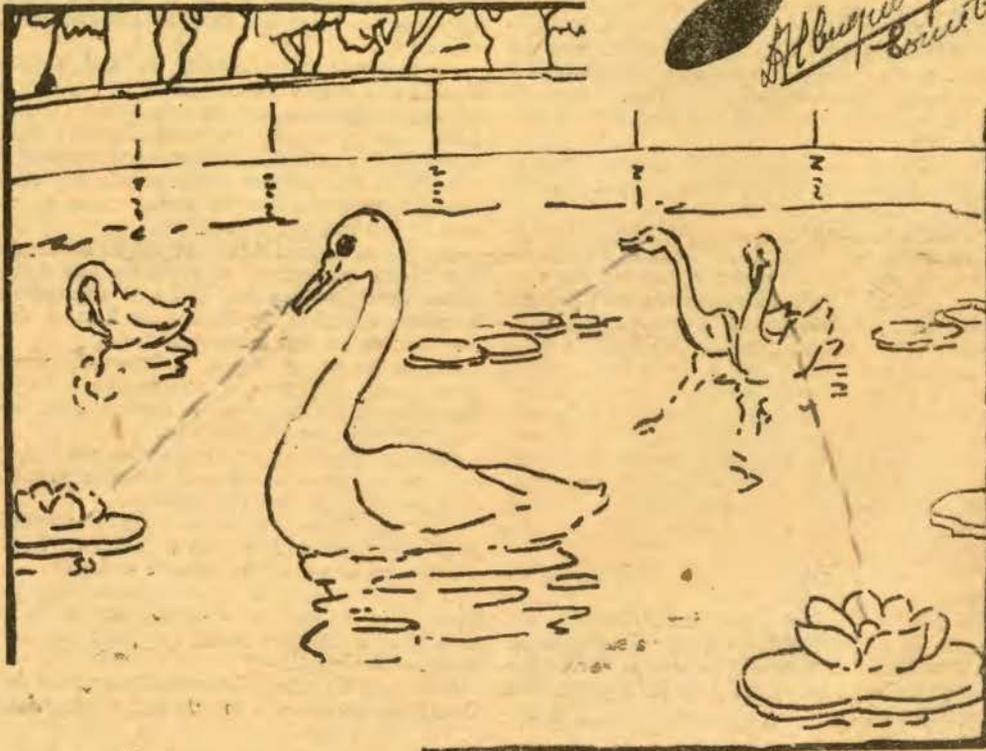
PROBLEMA N.º 1

HORIZONTAIS. 1, nome, 2 música, 3 feminino de rio, 4 forma de verbo, 6 substantivo, 7 forma de verbo, 8 preposição, 11 artigo, 12 antônimo de boa, 15 indispensável à vida, 16 nome.
VERTICAIS. 1, água agitada pelas ondas, 2 substantivo, 5 verbo, 6 indispensável à vida, 7 pronome, 8 nome, 9 chefe dum reino, 10 forma de pronome, 13 indispensável à vida, 14 artigo espanhol.

PROBLEMA N.º 2

HORIZONTAIS - 2 substantivo, 4 nota de musica, 5 artigo espanhol, 6 e 7 verbos, 10 indispensável à vida.
VERTICAIS - 1 forma de verbo, 2 indispensável à vida, 3 artigo espanhol, 4 verbo, 5 forma de verbo, 6 verbo, 8 animal, 9 verbo.

PARA OS MENINOS COLORIREM





(Continuação da página 5)

meigamente.) Partirei, já que assim o queres; antes, porém, deixa-me desmascarar esse impostor que diz chamar-se Camilo de Rozan! Vem, minha querida amiga; não tremas, que eu bem sei o que faço e o que pretendo. Leva-me à presença de teus pais!»

— «Paulo! — (objectou ela recosa e comovida) — mas, era tão eloquente e enérgico o tom da sua voz, que, dócilmente, o encaminhou, ou, por outra, o seguiu, para a magnífica sala onde continuava reinando grande animação ao som dum jazz barulhento e perturbante.

Antes que ao seu inesperado aparecimento, os condes de Penhoel pudessem falar, o rapaz avançou e disse:

— «Peço a V. Ex.^{as} que me escutem. Só um motivo importante e muito grave me forçaria a vir, aqui, interromper uma festa a que ninguém me deu o direito de assistir. Talvez não me acreditem; me chamem embusteiro. Não importa! É necessário desmascarar um criminoso, e, na minha qualidade de advogado apenas, tomo de direito a acusação. Senhores condes de Penhoel, o casamento da filha de V. Ex.^{as} não se realizará porque esse homem que diz chamar-se Camilo de Rozan é um impostor! O seu verdadeiro nome é Jaques Sarmiento. Estava arruinado, e, para salvar-se, assassinou em Bruxelas um amigo, com quem de perto privava, usurpando-lhe a riqueza e o título que hoje usa, e que lhe não pertencem. Ele que se defenda se puder!»

Então o conde de Penhoel levantou-se irritadíssimo e disse:

— «Basta! É impossível o que afirma! O senhor visconde vai já responder-lhe e castigar a sua ousadia. Mas... voltando-se para o lado onde se encontrava o senhor de Rozan soltou um grito de espanto. Este tinha desaparecido.

— «Eis uma das melhores provas do que afirmo; — (volveu Paulo tranquilamente.) — impossibilitado de se defender, este homem foge cobardemente a uma explicação!...»

Todos chegaram à janela e puderam ainda ver afastar-se ao longe um automóvel envolto numa nuvem de pó.

— «Resta-me cumprimentar V. Ex.^a e pedir-lhe desculpa da minha impertinência... No caso de desejar mais alguns esclarecimentos sobre a identidade desse senhor, a quem tão confiadamente entregava a felicidade de sua filha, estou pronto a prestar-lhos.»

E Paulo dispunha-se a sair, envolvendo um olhar de saudade à sua querida Regina, quando a voz solene de Penhoel se fez ouvir:

— «Fique, senhor! Acaba de prestar-me um serviço que nunca esquecerei, e prova-me que é bastante nobre para juntar o seu nome ao de minha filha. Supunha o senhor de Rozan um homem de bem, reconheço agora que é um miserável.

Acaba de salvar, repito, a honra do nome que tanto prezo. Merece que o recompense. Regina! — (terminou comovido) — podes abraçar o teu noivo!»

Houve lágrimas de felicidade. Paulo, corajosamente, tinha vencido, por fim, aquele orgulho de raça que tornaria infelizes para sempre dois corações que tanto se queriam.

Um mês depois, enquanto o pseudo visconde era preso e julgado, celebrava-se o casamento de Regina e Paulo, numa grande intimidade e alegria.

O orgulho da raça só o devem ter aqueles que são bons, leais e generosos, e os preconceitos de família morrem-se a uma lei suave que tudo quebra e domina; — O AMOR!

Um bando de andorinhas anunciava a volta da linda Primavera e prometia àquele par eterna felicidade

FIM